

Metodologia sofre modificações

ROSANA HESSEL
SÃO PAULO

A metodologia de avaliação do ranking do Índice de Competitividade Global do World Economic Fórum (WEF) foi mudada este ano. O estudo é feito com base em dados macroeconômicos de domínio público e nas respostas de uma pesquisa de opinião junto a 11.406 executivos das maiores companhias globais.

No Brasil, foram ouvidos 131 empresários e executivos de alto escalão de empresas nacionais e multinacionais instaladas no País, informou o professor Carlos Arruda, da Fundação Dom Cabral, um dos parceiros na elaboração do relatório.

A metodologia da pesquisa do WEF baseia-se em 12 pilares: instituições, infra-estrutura, estabilidade macroeconômica, saúde e educação básica, educação secundária e treinamento, eficiência de produção, eficiência do mercado de trabalho, sofisticação do mercado financeiro, tecnologia disponível, tamanho de mercado, so-

fisticação dos negócios e, finalmente, inovação.

“No ano passado, o WEF modificou essa metodologia utilizando apenas cinco pilares mas retornou este ano ao modelo anterior, que tem menos distorções”, explicou Arruda.

Cada um dos 12 pilares foi subdividido em vários itens em que os países tiveram sua classificação. As notas dadas pelos entrevistados variam de zero a sete. A melhor nota do Brasil foi no pilar tamanho de mercado — 5,4 —, que o colocou em 10º lugar. No quesito de extensão e efeito dos impostos, o País ficou na última posição do ranking.

“O Brasil teve as piores notas nos itens básicos, como educação primária e infra-estrutura, e, naqueles considerados mais sofisticados, como inovação e mercado financeiro, conseguiu boas notas”, comentou Arruda. “Isso significa que não está sendo feito o que a maioria dos países que buscam o desenvolvimento fazem. Mas, devido ao tamanho do mercado interno e à presença

de muitas empresas multinacionais, o País consiga ter destaque em relação aos demais países em desenvolvimento”, acrescentou o professor.

Segundo ele, o fato de o Brasil ter muitos contratos acaba gerando distorções na avaliação. No entanto, os países melhores colocados, são justamente os que mais investem em educação, infra-estrutura e realizaram reformas estruturais.

Os dados da pesquisa foram compilados entre janeiro e abril deste ano, ou seja antes do estouro da crise imobiliária norte-americana. Mesmo com essa crise das hipotecas que preocupa o mercado global, os Estados Unidos continuaria na liderança do ranking apesar de perder alguns pontos na nota geral, afirmou Arruda.

Na opinião do professor, a Suíça, que foi líder no ano passado, poderá voltar a ganhar degraus novamente e, em breve, superar os EUA se a crise imobiliária persistir e abalar ainda mais a economia interna norte-americana.